

O SOLDADO DO MINDELLO

FOLHA POLITICA LITTERARIA E UNIVERSAL.

Subscreve-se nesta typographia, e nas casas dos Srs. Paula Brito, praça da Constituição; escriptorio do *Periodico dos pobres*, rua do Ouvidor; e Nuno Alvares Silva, rua do cano n.º 24, a 5\$ réis por anno; 3\$ réis por semestre, pagos adiantados; folha avulsa, 120 réis.—Sahirá á luz uma vez por semana.

Quem é escravo é vil. Sem Liberdade
Deixa o homem de o ser; é só gozando
De seus direitos que se tem no mundo
Contemplação, respeito, honra e caracter.

PIMENTA DE AGUIAR.
Viriato—Tragedia.

O SOLDADO DO MINDELLO.

O *Soldado do Mindello* ha de aparecer e cumprir o seu compromisso, apezar dos entraves com que luta em seu começo; não se aterra com ameaças de cacetistas, nem de faquistas, e nem tão pouco de tiros de *bombardas*, nem de arranhaduras de *silvas*, ainda que taes arranhaduras venhão temperadas com boa dose de sublimado corrosivo; pois quando encetou a tarefa que tanto irrita e enraivece aos absolutistas já sabia ao que se ia expôr, por isso que essa facção não é composta senão de assassinos, scelerados e bandidos; e que, se algum homem de bem existe em seu seio, é para se lhe absorver, quaes vampiros insaciaveis, o *sangue das veias* gota a gota.

O tal assassino *bombarda* attenta contra a vida do redator do *Soldado do Mindello*: mas não estamos aqui em terra de barbaros, nem ha cá *D. Miguel, o MINOTAURO*, para santificar assassinos. Temos toda a fé nas autoridades, que não consentirão que um assassino desenfreado commetta o attentado que premedita! Se porém esse monstro *bombarda*, seduzido pelo descarado infame do animalejo *silva*, chegar a levar a effeito o seu intento, cá ficará quem nos vingue!!! Malvados! vêde bem o que fazeis! Os liberaes são como os dentes de Cadmo! reproduzem-se a montões quando é preciso!!!...

Oh! pois os abominaveis sicarios do *MINOTAURO* nem mesmo em um paiz livre, como este, nos deixão respirar! Pois esses infrenes sanguinarios, carrascos de profissão, forão com celestial e evangelica piedade perdoados de seus atrocissimos crimes, de suas barbarissimas e execraveis cevicias, e ainda appetecem beber-nos o sangue, só porque tivemos a dignidade e o pundonor de resistir-lhes! Só porque emprehende-

mos e os temos esmagado em um apice com suas proprias armas! Não forão elles os provocadores, publicando essa folha, que, pelo simples facto de sua existencia, assassinounos ultimos alentos a sua absurda e sophistica causa, *pois que cada letra que imprimem é um suicidio moral para elles, e a sua folha um verdadeiro hypogripho, cujo nascimento é irrevocavelmente a CAUSA NECESSARIA de sua morte?

O absolutismo proscreve exclusivamente a imprensa, e vós, usando della sois os primeiros a confessar a excellencia da nossa causa—A liberdade.—Sim! monstros infernaes, mordei-vos de raiva se dais a corda para vos enforcar!...

Embalde direis que na liberdade de imprensa, a mais bella prerogativa que o systema liberal nos outorga, temos nós uma poderosa arma para vos offerer: mas, vis! se a grandeza e sublime generosidade dos liberaes tolera que a manejeis, vós, se não fosseis infames traíçoeiros, della vos servirieis com dignidade, e merecerieis desculpa disso, já em si um contrasenso, se vos manifestasseis cavalheiros e nobres.

Da arma que por essencial condição nos pertence, a imprensa, toleramos que useis, e vós pretendes com injurias, com ameaças, e até pôde ser que com o punhal obstar que della nos sirvamos, esbulhando-nos assim, com pharisaica protervia e synica incoherencia, dos nossos legitimos direitos; e não deveremos nós com toda a emphasis estigmatizar a quem defende a causa do absolutismo despotico com tanta insania e virulencia em um paiz regido por instituições liberaes?!

Eis pois patente á luz meridiana aquillo que vós sois: alardeais intelligencia, e manejais o punhal! nós somos accusados de ladrões e assassinos: mas trabalhamos com a enxada e a alavanca, manejamos a lima e o martello, e ao mesmo tempo es-

grimimos com a imprensa. Vós quereis sangue, caphalsos e ruinas !! nós vida, trabalho e intelligencia. De qualquer lado por que se vos tente encarar sois sempre os mesmos, ladrões, assassinos, hypocritas e exterminadores... salvas honrosas exceções; e é assaz penoso ao nosso coração, verdadeiramente portuguez, o contemplar a cegueira de alguns de nossos amigos pessoaes, cuja honradez a toda a prova os tornava por sua natureza nossos congeitos correligionarios, nossos compartidistas. Respeitamos suas crenças, e lastimamos que se deslustram, seguindo tão nefanda bandeira!...

Deos, Todo Poderoso ! lêde no fundo do nosso coração, e fazei-nos justiça!...

A hydra do despotismo, exasperada e moribunda, impenitente em seus ultimos arrancos, crê todavia reaviventar-se com as ultimas gotas que ainda vertem das cicatrizes que os crueis sectarios dessa politica abrirão no peito dos liberaes!... Esbravege embalde convulsa a furia, que ha de morrer inanida, e irá qual Tantalo parar ao Inferno de onde fugira, sem lograr os seus desejos ! Deos é justo !

EXTERIOR.

Apresentámos em nosso primeiro numero, em um artigo sob o titulo de *exterior*, circumstancias das quaes tirámos a conclusão de que Napoleão III era uma perfeita impossibilidade politica, e em um *post-scriptum* promettemos analysar, entre outras, a noticia da frustração do casamento desse personagem com a princeza Waza (da Russia) que nos trouxe o *Teviot*, a qual veio com effeito confirmar quanto alguém julgaria temeridade o termos avançado a esse respeito. Igualmente tocámos na decisão do senatus-consulte consignando a sucessão da corôa de França toda na familia Bonaparte : cumprê-nos portanto satisfazer ao nosso compromisso ; e não o fizemos no segundo numero por estar já escripta a materia que o devia completar.

D'est'arte pois diremos que os monarchas da Europa, ainda que por momento reconhecessem a Napoleão III Imperador dos Francezes, não é porque confiem nelle : ahi não houve mais do que o desejo de evitar qualquer provocação de onde pudesse resultar uma guerra, que sempre é desastrosa, pois contão como certa a provocação da parte delle: e o imperador Nicolão, negando-se a dar-lhe o usual titulo de irmão, e não querendo dar-lhe uma sua parenta em casamento, bem claramente revela o pouco conceito que lhe merece um soberano cujo reinado se lhe antolha assaz ephemero, pois, quando não fôr pela direcção que der aos ne-

gocios, será pela idade, gasta a sua dynastia ; e quereria o czar ver os filhos daquelle princeza e ella propria proscriptos como os filhos e os netos do SABIO rei Luiz Philippe ? A' influencia de Austria se deve tambem esse acontecimento, que ora consideramos : e daqui muitas apprehensões nos saltão á mente, a mór parte das quaes sobreestamos por emquanto : tratando unicamente da que diz respeito aos negocios de Roma, acaso perdoaria a corte de Vienna o intromettimento dos Francezes, que, anniquilando a republica de Mazzini, neutralisou desabridamente a grande suzerania a que aspirava o joven Francisco José I na Italia, tanto mais quando a batalha de Novara lhe parecia, com os immensos sacrificios a que o tinha forçado, dar-lhe indisputavel direito?

Pela sua parte o Sr. Luiz Napoleão tambem se mostrou amuado, pois, vendo que ao *salvador* da segurança e *garantidor* da paz da Europa se não confiava uma princeza de sangue, prescreveu ao seu representante em Berlim o abster-se de fazer a corte aos *festivaes* abraços dos doux monarchas, e lá procurou uma esposa de *facil* negociação, assim de prolongar a sua *napoleonica* dynastia. De sorte que, ao passo que se vêm os monarchas seus collegas dar-lhe, ao menos implicitamente, as mais calculadas provas de desprezo, o senatus-consulte consagra na sua familia a successão da corôa ; o que manifestaria um proposito muito premeditado nos membros daquelle corporação de arrostar a Europa inteira pelo seu *idolo bem amado* : mas elles sabem muito bem o que fazem, e fôra grande incúria da sua parte se olvidassem, que apesar de toda a valentia de que blasona a França, e ainda tendo á sua frente Napoleão o Grande, os aliados entrárão duas vezes em Paris, ao mando do falecido Wellington.

Accresce a isto a animadversão que resalta dos orgãos mais proeminentes dos partidos de Inglaterra contra o novo coroado ; pois deve notar-se que a imprensa de Inglaterra, mórmente os jornaes a que nos referimos (o *Times* e o *Morning Advertiser*) são a expressão fiel do seu paiz.

Ora cumpre tambem reflectir que o povo francez, ou antes os membros do senado de França não desconhecem estas circumstancias ; e por isso se deve concluir que ali não ha a menor sympathia pela realeza : a republica foi julgada impossivel ; e portanto a prophetia do Tio deste Sr. *Sobrinho* de que dentro em cincuenta annos, ou em 1850, a França (que hoje é considerada ingovernavel) seria ou toda republicana ou toda cossaca está prestes a realizar-se !

Como tem havido quem diga que L. Bonaparte e seu partido são quem tramárão toda a palhaçada de fevereiro de 1848, e as revoluções que se lhe seguirão, pois que elle sempre teve aspirações ao imperio, como o fez ver em um manifesto que publicou na Suissa, já se vê que o homem que entregou aos *bons* dos jesuitas a instrucção de seu paiz foi, como dissemos em nosso primeiro numero, quem por meio dos taes mui reverendos senhores,

concorreu mais do que ninguem para a terrivel crise de dezembro de 1851, fazendo imprimir em certa imprensa de Strasburgo, celebre pelos grossos volumes de moral loyoliana que tem produzido, essa infinidade de jornaes e papeluxos que, com idéas de socialismo e communismo, concitavão as massas, já de si mui sublevaveis, á revolta contra toda a propriedade e contra todo o direito! E por isso, se a desgraçada França vier um dia a ter a sorte da Polonia, visto que conforme temos mostrado um Napoleão é uma impossibilidade politica, e as outras dynastias não podem contar com o amor desse povo a quem bastará dizer-se que até fizerão passar pelo sanguinoso S. Bartholomeo, só Napoleão III, esse decantado gigante politico, esse moderno e *joven* Nestor, é que deve carregar com tamanha responsabilidade. Cremos porém (Deos permitta que nos enganemos!) que a guilhotina não lhe dará tempo a responder por factos que pôde ser que ainda estejão remotos.

SEM RELIGIÃO NÃO HA LIBERDADE, SEM LIBERDADE NÃO HA RELIGIÃO.

Em nosso primeiro numero, produzimos um artigo com o titulo de—*Nosso Liberalismo*—, no qual, depois de algumas considerações que agradárao a muitos e desagradarão a não poucos, apresentámos varios theoremas como bases ou principios em que assenta aquella nossa crença; e delles o primeiro foi o seguinte:

« O amor do nosso Creador, que nos lançou « n'um paraíso de delicias, e só os tyrannos no-lo « convertem em inferno de dôres, quando mesmo « lhes resultem ainda maiores dôres. »

Eis-aqui consagrado o pensamento que se interpreta do titulo deste artigo, o qual passamos a desenvolver, pois cremos com este trabalho utilizar a muitas pessoas que julgarão talvez contraditorio um semelhante titulo. E assim começaremos por dizer que é impossivel que em um paiz onde não ha liberdade de pensamento e de consciencia se possa ser verdadeiramente religioso, queremos dizer, é impossivel que no intimo da alma se tenha o sentimento religioso, pois que, coacto o pensamento e encarcerado no embrutecido e quasi exanime ergastulo que lhe devêra servir de executor, apenas por effeito do habito no exercicio machinal do culto externo, elle se manifesta votado á religião, quasi sem mesmo saber o que ella seja; ao passo que, se se tomar por norma a nossa religião catholica romana, ella em si propria nos diz que é pela fé que devemos adorar ao Creador; é pela esperança que devemos alcançar o premio de nossas boas obras; é pela caridade que manifestamos os impulsos de nossa alma; e aqui, nestes tres symbolos denominados—*virtudes theologiaes*—, só se encontra o effeito da actividade da alma, determinada mais por um

impulso espontaneo, do que por influencia de sua propria sensibilidade. Debalde objectão os adversarios da liberdade que é sufficiente que a nossa boa vontade se manifeste tacitamente para com Deos, para que o preceito religioso esteja satisfeito; e dizem elles mui tranquillos semelhante blasphemia, e se julgão mui seguros de semelhante raciocinio, como se a vontade fosse causa alheia ao homem! Não pôde haver mais palpitante absurdo!... Pois, senhores, se a vontade é effeito dos impulsos só da materia, como pôde o espirito receber o premio ou paga daquillo que não fez? Só se o espirito é ladrão, ou Deos, procedendo injusta e despoticamente, paga a *este* o serviço que lhe prestou *aquelle*. Ou, não sendo nenhuma destas a hypothese necessaria, querereis que o corpo e a alma, ambos em sua fusão, como que simulem uma metempsycosis, dissolven-do-se cá na terra pela putrefacção, e indo habitar lá no Empireo? Ou, pelo contrario, a alma perece com o corpo? Ah! sereis então materialistas?... Sim, os amigos do absolutismo sempre forão materialistas; sempre entenderão que o homem era uma machina bruta, uma materia crassa, que satisfazendo ás suas necessidades instinctivas, devia limitar até ahi suas faculdades! E onde está pois aqui o sentimento religioso?

Ignorão esses nescios (é a unica denominação que julgamos capaz de quadrar aos sectarios do absolutismo) que a vontade é um effeito das faculdades da alma ou da substancia pensadora? E se essa substancia pensadora se puser em movimento, determinada pela sua propria actividade, não irá comparando, raciocinando, e assim discorrendo, até orientar-se, pelo conhecido, do desconhecido? Não virá, tratando da religião, a conhecer que a nossa religião é a melhor de todas as religiões? E daqui não deve seguir-se que para ser-se Christão, é preciso ser-se livre? A religião catholica nos prescreve o fazer bem até aos nossos proprios inimigos: é este o acto que, conforme o nosso Evangelho, é mais bem aceito por Deos, e como poderá um homem que vive em um paiz governado pelo absolutismo, fazer bem a seu proprio inimigo, se esse inimigo é perseguido pelo despota que governa um tal paiz, sem perigar tambem a sua existencia e de sua familia, se a tiver (o que é o peior de tudo!)? Quem ignora que os despotas, que não a perdoão nem áquelle que matão a sêde ás suas victimas, são inexoraveis quando alguém pretende oppôr-se-lhes?

A religião catholica nos trouxe a liberdade, e a igreja prega a escravidão... a igreja não, parte da igreja, é certo; mas os abusos não autorisão o derrocamento dos principios: reformem-se, e estão sanados os males. Se Luthero, Calvin, Wilklef e muitos outros errarão quando pretendêrão effectuar tal reforma, nem por isso se deve desesperar de poder atingir á conveniente perfeição.

Mas continuando em nosso psicologico propósito (permitta-se-nos a figura e a expressão), se a vontade é objecto alheio ao homem, como querereis que este seja responsavel pelos actos daquella?—Escusámo-nos a exhibir um dilemma em devida

fórmula para sermos mais explicitos.—E pois prosseguimos affirmando, baseado nos incontroversos raciocínios que até aqui havemos enunciado, que sem liberdade não pôde haver religião, por isso que é nossa convicção que o homem só é responsável pelos actos emanados da propria vontade, como parte da faculdade da actividade da alma; e que o culto religioso, devendo ser determinado por essa actividade, porquanto em semelhante objecto todas as idéas resultão de uma necessidade metaphysica e de principios e entidades abstractas, não se manifesta fiel quando movido por efeito de compressão externa, mas sim por impulso espontâneo da alma ou antes do entendimento, faculdade a ella inherente. A compressão, pelo contrario, embrutecendo ou antes embotando as idéas, torna o homem uma machina apenas impellida pela autoridade ao processo liturgico, que nós, em tal caso, entendemos que é antes uma bem definida theogonia.

E poderão os despotas, que comprimem o pensamento arrogar-se o título de defensores do altar?! Será esse título derivado da alliance e estabelecimento de causa commun que fizerão com os padres e frades, do punhal, do bacamarte, da força e da fogueira? E' a unica tangente que lhes resta. Entretanto eis-ahi os tyrannos sanguisentos e energumenos sempre abraçados com o altar e com a religião, e os ministros do altar sempre em estreitissima liga com o throno! quando é certo que uns e outros rancorosamente se odeião?! Tal liga não é certamente senão com fins assaz sinistros!...

Agora pois cumpre-nos mostrar que não pôde haver liberdade sem religião, pois é nossa intima convicção que uma não pôde existir nem perseverar sem a outra.

A liberdade, como disse Platão, não consiste em que cada um tenha o direito de fazer o que quizer, mas sim na obediencia igual de todos a todas as leis. E quanto a nós, consiste de qualquer modo na certeza que cada um tem de que, cumprindo os seus deveres para com os outros, tambem os outros cumprirão seus deveres para com elle. Paramos por hoje aqui, e no seguinte numero continuaremos em nossa demonstração, pedindo desculpa aos nossos leitores de tão grande prolixidade.

OS PADRES E FRADES.

Parece incrivel! ainda se nos figura um sonho que depois dos exemplos de torpeza e dos escândalos de eterna abominação que os frades e padres tem dado em quasi todos os angulos deste orbe terraqueo, que tem provocado contra essa classe de individuos a execração universal, a ponto de tornar odiosa a santa religião de Jesus-Christo, ainda haja quem apregoe, e propale, sem o menor vislumbre de pudor, que Portugal ha de por força ter frades! «Ha de ter frades ou seu nome desaparecerá do oriente

e do occidente...» Que insanía! Nunca taes monstros entrassem com pés imundos os muros da nossa patria!... Sim! oh patria chara! Tu que o digas, e quantas lagrimas, dôres e cilicios te custa! Tu que o digas como os padres e frades, fulminando excommunhões de instante a instante, levando ás fogueiras milhares de victimas inocentes, lhes arrancavão os seus thesouros, fructo de seus suores, em nome da Santa Sé, allegando que pois erão ganhos contra a vontade de Deos lhes não pertencião; e para mais encarecer o seu objecto e alcançar seus fins de dominação geral, creavão a cada momento dias santos, assim de impedir que o povo se fizesse forte pelo trabalho, pois só lhes convinha a indolencia, para, quaes africanos, que, ociosos e preguiçosos são os mais laboriosos pelo terror do azurrague, dominar-nos pela autoridade do açoute, do patibulo e da fogueira; ensinando-nos que para salvarmos as nossas almas das penas eternas do inferno só devíamos trabalhar na vinha do Senhor, só devíamos verter o nosso sangue com pungentes cilicios, e os nossos suores em favor da gloria e dos cofres do SS. Padre de Roma. E haja vista ao que prescrevem as instruções da corte apostolica aos nuncios Capodiferro e Lippomano (coadjutor de Bergamo) as quaes publicaremos, de onde se infere que os bons religiosos, por um calculo quasi exacto, extorquião do pequenino Portugal a cifra espanhola de dez mil contos de réis!!!! (Rs. 10,000:000\$) O povo estava pobre e espoliado pelos padres e frades, e igualmente pelos potentados; a fome, verdadeira precursora da inveja, acendeu a esta o seu braseiro; e eis de onde se tem seguido essas desordens e discordias interminaveis. E os malevolos e nefandos sycophantas, asseclas do despotismo, ainda nos vem com as palmas do martyrio que ganháram os missionarios, hasteando com a effusão do seu sangue a bandeira da cruz! Isso é uma outra questão, que trataremos em separado: e desde já diremos que, se tornarem a cahir em Portugal os impíos e hypocritas frades e padres, desaparecerá o povo portuguez, como o fumo, do catalogo das nações, e tonar-se-ha um terreno deserto e arido, amaldiçoado pelo Eterno, como sucedeu *in illo tempore* ás cidades de S... ma e G... rra pelos crimes e peccados da fradaria, essa nodoa que envergonha o gênero humano e o cobre de eterno opprobrio!!!...

NOSSA APPARIÇÃO.

Com muitas dificuldades vê a braços este pobre Soldado! Daqui, a falta de polvora (dinheiro) e não quer dar seu braço a torcer; dalli a falta de camaradas, (os operarios compositores e typographos), e não tem céga confiança senão nos que o ajudáram a levantar o reducto em que se acha entrincheirado: mas a virtude civica que tanto o distingue o fará perseverar no seu posto, e em breve verão seus assignantes regularmente aparecer o Soldado, intrepido profligando os miseraveis sectarios da velha cruzada.

Temos entretanto a satisfação de saber que, posto sejam poucos nossos leitores, alguns delles tem tido a bondade de elogiar-nos, e nós por isso lhes damos os mais cordiaes e sinceros agradecimentos.